

Juros de 22% ao ano projetam recessão maior

Taxa anual estimada pelo governo para 1999 não é compatível com previsão de queda de 1% na atividade

DENISE NEUMANN

A taxa média de juros de 22% ao ano – apresentada ontem como estimativa do governo para 1999 – não é compatível com a queda de 1% no Produto Interno Bruto (PIB), também projetada pela equipe econômica para o próximo ano. Uma taxa desta proporção impacta de maneira fortemente negativa a atividade econômica e não abre espaço para uma recuperação consistente do nível de atividade, segundo a opinião de diversos economistas.

A tendência é de uma recessão superior à estimada pelo governo. A taxa média de 22% ainda manterá os juros acima do período anterior à crise da Rússia, quando os juros internos estavam em 19% ao ano. Como as taxas ainda pode-

rão permanecer elevadas, a atividade econômica deve permanecer contraída, impedindo que a queda fique reduzida ao 1% projetado pelos economistas do governo. Nas contas do ex-ministro Mailson da Nóbrega, a taxa média de juros seria de 18% no próximo ano e ainda assim a retração do PIB chegaria a 1,5%.

O sócio da Oryx Asset Management, Antônio Costa, diz que mantém suas projeções de uma recessão entre 2% e 3% para o próximo ano, apesar da indicação de queda de juros dada pela equipe econômica. “Uma taxa de 22% em uma economia já mostrando deflação e com câmbio relativamente fixo, é brutal”, pondera. Além de ainda ser muito superior às taxas de juros de outras economias, não contribui para uma reativação da atividade econômica, pondera.

A taxa média de 22% representa uma carga de juros equivalente a 7,5% do Produto Interno Bruto (PIB) no próximo ano, o que é muito alto, observa o economista Bernard Appy, da LCA Consulto-

res. “Mesmo se o governo atingir 2,6% de superávit primário, o déficit nominal ainda será de quase 5% do PIB”, calcula.

Juros de 22% na média do ano indicam que a economia pode chegar, apenas no fim do ano que vem, ao mesmo ritmo de crescimento pré-crise Russa, diz Appy.

A crise explodiu em agosto e no segundo trimestre do ano, a economia crescia a um ritmo de apenas 1,4%, segundo o IBGE.

O diretor de Análises Econômicas do Banco BMC, Marcelo Allain, concorda com a avaliação de que a taxa média de 22% em 1999 não vai permitir que a retração do nível de atividade fique em apenas 1% no próximo ano. “Ela deve ficar um pouco acima deste porcentual”, avalia. Os juros, diz, possuem um efeito defasado sobre a economia real. A alta recente

dos juros anuais para acima de 40%, vai afetar a economia de maneira mais profunda no último trimestre deste ano e no primeiro do ano que vem, período em que a atividade já é tradicionalmente muito fraca.

O economista da PUC de São Paulo, Antônio Corrêa de Lacerda, espera uma queda gradual dos juros, o que inevitavelmente agravará o ritmo de atividade, especialmente nos primeiros meses do ano. Só o tempo dirá se o pacote de medidas será realmente eficiente ou

não, avalia.

O momento atual já é delicado, com massa salarial em queda, inadimplência elevada e atividade fraca. “Mas o governo precisa agir para reverter as expectativas negativas, o que é uma condição básica para promover a queda de juros”, acrescenta Lacerda.

GASTOS COM
JUROS PODEM
CHEGAR A 7,5%
DO PIB EM 99